Ano IV · Faro, Domingo 9 de Janeiro de 1916 · N.º 311

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas
PAGAMENTO ADEANTADO
ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)
Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR=LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão
TIPOGRAFIA DO HERALDO
DE
LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA
Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

Biblioteca Nacional

O HORARIO DO TRABALHO

Como prénoticiamos, damos hoje, em editorial, o «Horario do Trabalho», valioso documento juridico, que muito honra o seu auctor, sr. dr. Joaquim da Ponte, ilustre Governador Civil deste districto e nosso muito presado amigo.

Estamos certos de que o «Horario do Trabalho» terá um bom acolhimento por parte de todos aqueles a quem directamente interessa; trata-se de um trabalho, que traduz em toda a sua plenitude a politica verdadeiramente republicana e de atracção, de que o sr. dr. Joaquim da Ponte fez o seu programa governativo.

Tal politica, que não é mais do que a execução do vasto plano reconstrutor a que o glorioso Partido Republicano se votou ao tomar conta das secretarias do Estado, tem agradado a «quasi» todos os algarvios.

Propositadamente acentuámos o «quasi».

Não ha duvida de que tem havido, uma ou outra vez, aqui e além, pequenas divergencias, mesquinhas reacções, originadas no despeito de todos aqueles que preferem á Ordem, á Equidade e á Tolerancia compativeis com os mais lidimos principios da Democracia, uma politica facciosa, turbulenta e perturbadora.

Mas taes reacções,—é justo acentuar,—breve desaparecem, á falta de esteios que lhes solidifiquem as bases, deixando, a mór parte das vezes a descoberto, os seus artificiosos manipuladores.

Que S. Ex.ª continue, sem desfalecimentos, no caminho encetado e terá sempre a apoia-lo os bons republicanos, os bons patriotas, e todos aqueles que não desejam ver bem consentem que sejam monopolisadas as liberais conquistas da Republica a favor de uma diminuta e insignificante minoria de discolos, sem peso algum nos destinos do Paiz.

Eis o «Horario do Trabalho»:

«Joaquim da Ponte, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do districto de Faro:

«Não tendo a Camara Municipal do concelho de Faro regulamentado a Lei n.º 295, de 22 de janeiro do corrente ano, e cumprindo-me suprir esta omissão, pela Lei n.º 420, de 13 de Setembro ultimo, tendo ouvido o respectivo Administrador do Concelho e os representantes das classes interessadas, nos termos do artigo 1.º desta Lei, determino que no referido concelho se observe o seguinte regulamento do horario do trabalho dos empregados no comercio:

Artigo 1.º—Os estabelecimentos comerciais do Concelho de Faro, seja qual fôr o ramo de negocio que explorem, poderão ser abertos a qualquer hora e serão encerrados, de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro, ás 20 horas, e nos mezes restantes, ás 21 horas, excetuando-se os casos previstos neste regulamento.

§ 1.º—O encerramento de padarias, vacarias e leitarias, tabernas com comida, casas de pasto, restaurantes, cafés, tabacarias e pastelarias, será facultativo, salvo o disposto em legislação especial.

§ 2.º—Os respectivos empregados dos estabelecimentos comerciais poderão trabalhar por turnos, contanto que nenhum deles trabalhe mais de dez horas em cada dia.

§ 3.º—O trabalho para os empregados de estabelecimentos de crédito, de cambio e de escritorio começará ás 10 e acabará ás 18, tendo os mesmos empregados o direito de exigir dos patrões o pagamento das horas de serviço extraordinario, sendo cada hora contada pelo dobro da do dia normal de trabalho.

§ 4.º—Todos os empregados dos estabelecimentos compreendidos nos artigo 1.º e § 1.º, terão intercaladas nas suas horas de trabalho mais duas para as refeições, que serão marcadas de comum acordo entre eles e os patrões.

Artigo 2.º—Haverá tolerancia de 20 minutos nas horas designadas para o encerramento de todos os estabelecimentos.

Artigo 3.º—Nos dias de feira local os estabelecimentos, ao quais não é permitido encerrarem depois das 20 e 21 horas, poderão estar abertos até á hora que mais convier aos seus proprietarios, contanto que não exceda ás 23 horas.

Artigo 4.º—Os empregados que tiverem sociedade ou lucros em qualquer estabelecimento só poderão invocar a sua qualidade de associados, provando-a com escritura publica ou qualquer outro documento legal.

Artigo 5.º—As horas de entrada e saída dos empregados será regulada pelo relogio oficial da respectiva localidade.

Penalidades

Artigo 6.º—As transgressões da Lei e deste regulamento serão punidas com a multa de 5$00, pela primeira vez, sendo as reincidencias sempre punidas com o dobro da multa anteriormente aplicada, até ao limite legal.

Artigo 7.º—As importancias das multas, que poderão ser pagas voluntariamente no praso de cinco dias, contado desde a data do avi-

Cronica citadina

O NEVOEIRO

O primeiro dia déste Ano da Graça, que vamos atravessando, assinalou-se, nesta cidade de Faro e suburbios, por um grande nevoeiro, expessa bruma que mal nos deixava enxergar as pessoas e as coisas e que, adensando-se á noite, modificou, singular e exquisitamente os aspéctos da cidade, nimbando-os de uma aureola de fantasia, alindando-os em levesas espectrais e fugidias como evocações psiquiças materialisadas nos repregos de um cenario nórdico.

As lampadas electricas atraiam especialmente a atenção.

Dir-se-iam pobres e extenuados pirilampos a agonisarem sob o amplexo asficsiante e mortifero do nevoeiro!

Os pavimentos das ruas reluziam espelhentos como oleados polidos, o ar podia cortar-se á faca, e dizem que Mademoiselle Constipação, acompanhada pelo seu venerando pai, o sr. Catarral, fez, nésse dia, algumas visitinhas pela cidade..

Creio bem que assim tenha acontecido; entretanto, é justo confessar-se uma certa gratidão pelo Nevoeiro.

Graças a éle, nós, em plena cidade morta, lográmos o inapreciavel espectaculo de antever, ainda que em em longinquas miragens, os recantos dêsses fócos de civilisação chamados Paris e Londres, onde turbilhonam as grandes multidões habituadas a divertirem-se entre brumas algodoentas, através das quaes as luzes dos peristilos dos teatros e casas de prazer, reluzem com atenuados brilhos de perolas caras...

A ELECTRICIDADE

Decididamente, Mademoiselle Electricidade está cada vez mais doente.

Vê-la a cuspinhar lampejos e a tussicar coruscações o mesmo é que entrarnos na alma um grande dó, porque é sempre lamentavel o espectaculo decadente de uma pessoa que outróra admirámos de perfeita saude e com um certo brilho nos olhos, quero dizer: nas lampadas, que, até certo ponto lhe atenuava a côr amarelenta, que sempre a caracterisou, desde a tenra infancia.

E' certo que Mademoiselle Electricidade nasceu enfesadita e clorotica, todavia, nós que a conhecemos de tamanhinha, nunca esperámos vê-la assim, tão depauperada e fraca, ainda em plena juventude.

Francamente, se a nosso cuidado estivesse tão preciosa existencia, não demorariamos uma consulta aos especialistas mais afamados...

Quem sabe se uma temporada na Guarda ou na Suissa lhe faria bem?

Aqui fica o alvitre. Assim, é que Mademoiselle não póde nem deve continuar a exibir-se.

Além de nos causar tristeza, muita tristeza com as tremuras, em que se traduz a sua debilidade extrema, sempre nos alarma o espirito pela possibilidade de contagiar-nos com a tuberculose que, por certo, lhe mina o organismo...

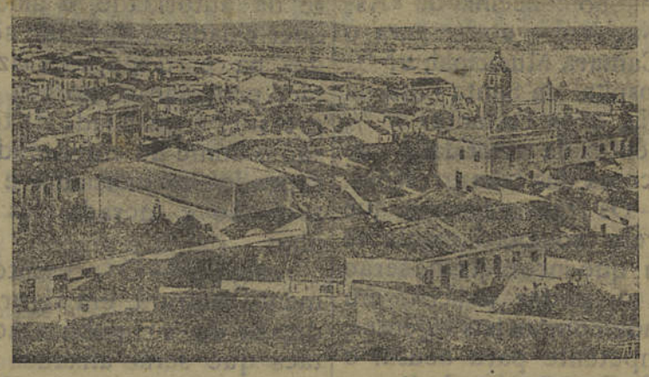
LYSTER FRANCO.

IMPRENSA

«ALMA ALGARVIA»

O ultimo numero desta interessante revista, superiormente dirigida pelo nosso presado amigo e prestimoso correligionario, sr. Julião Quintinha, publicou o retrato do nosso director, acompanhando-o de tão lisongeiras como imerecidas referencias, mas que teem para nós o inapreciavel significado de nos fornecerem o estalão moral do belo caracter de Julião Quintinha, aquem muito desvanecidamente as agradecemos.

ASPECTOS ALGARVIOS



A cidade de Lagos

Os Concursos de "O Heraldo,,

I

AOS FOTOGRAFOS PROFISSIONAES E AMADORES

Qual é o aspecto mais interessante da capital do Algarve?

Ninguem duvida de que a cidade de Faro, capital deste Algarve das Mouras encantadas, das amendoeiras que sabem toucar-se de neve e rosas, dos crepusculos de sonho e das noites de luar incomparavel, oferece uma multiplicidade de aspectos, qual deles o mais caracteristico e proprio a impressionar a retina do excursionista; sómente esses aspectos são ainda na sua maior parte, absolutamente ignorados e passam, por isso, quasi despercebidos á vista de naturaes e forasteiros, com grave prejuizo para a Estética e para a fama desta formosa região, que assim se vê privada de um dos seus melhores incentivos para a atração e desenvolvimento do turismo.

Desde a vista panoramica de Santo Antonio do Alto, até ás alcórcas caprichosamente recortadas da Ria; desde a chamada Estrada dos Moinhos, até ao Alto de Ródes, que diversidade de aspectos, que riqueza de linhas e que impressionantes e caracteristicos conjunctos, em que a nota regional vibra intensa na sua mais flagrante pureza!

Pelas ruas e travessas ha tambem recantos curiosissimos, até agora poupados pela camartelo do Progresso, e onde ainda se podem admirar belos retalhos da velha arquitetura regional e trechos dignos do estudo e atenção dos eruditos; que ficariam bem enquadrados numa chapa fotografica e fixadas pela objectiva minuciosa dos *Kodaks*.

Vulgarisar os aspectos da cidade, eis o problema.

E' esta a lacuna que nos propomos preencher com o presente concurso de que passamos a apresentar as

CONDIÇÕES

I—No seu o numero 310 abriu «O Heraldo» o seu «Concurso de Aspectos» por espaço de 4 mezes, a contar de 1 de janeiro de 1916 e encerrando-se em 31 de abril do mesmo ano.

II—Cada concorrente enviará ao Director d'«O Heraldo» tres fotografias de aspectos diversos da cidade, á sua escolha e na dimensão que preferir e no melhor processo fotografico em que trabalhar.

III—Cada fotografia será designada por um lêma ou pseudonimo que ocultará o nome do concorrente.

IV—Juntamente com as fotografias, assim assinaladas, enviarão os concorrentes ao Director d'«O Heraldo», um envelope lacrado contendo um cartão com o seu verdadeiro nome.

Este envelope terá exteriormente a seguinte inscrição:

CONCURSO FOTOGRAFICO DE «O HERALDO»

Do Concorrente (pseudonimo).

V—Encerrado o concurso, será constituido um juri especial para a apreciação dos trabalhos remetidos, os quais, serão depois todos expostos, com a indicação dos que obtiverem premio, na sala da redacção de «O Heraldo».

VI—Os premios são assim constituidos:

I—Premio de Honra, correspondendo á publicação do trabalho fotografico, em fotogravura ampliada, abrangendo 3 colunas de «O Heraldo» e a altura proporcional e do retrato do autor.

II—Premio, Medalha de ouro, correspondendo á publicação do retrato e do trabalho do autor em fotogravura, abrangendo 2 colunas do «Heraldo».

III—Medalha de prata, publicação do trabalho fotografico abrangendo 2 colunas do «Heraldo».

IV—Mensão honrosa, publicação do trabalho fotografico abrangendo uma coluna do «Heraldo».

Certos de que este concurso, o primeiro neste genero que se efectua nesta cidade, obterá um grande exito, recomendamo-lo aos nossos leitores, proporcionan-

NOVIDADE LITERARIA

A MINHA TERRA

Colecção de dez Poemas, com ilustrações de Antonio Carneiro, a aparecerem mensalmente.

Estão á venda:

I—CAMINHOS
II—AUTO DO ANO NOVO

Cada exemplar 30 centavos

LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND

75—Rua Garrett,—75—LISBOA

so, darão entrada no cofre da policia e serão rateadas pelo respetivo comissario, trimestralmente, da seguinte forma: 30 % para o cofre da comissão concelhia da «Assistencia Nacional»; 20 % para o cofre da Camara Municipal; 25 % para o Hospital da Santa Casa da Misericordia, e os restantes 25 % para os agentes da autoridade que tomarem conta das transgressões.

§ unico — Os transgressores, que não pagarem voluntariamente as multas em que incorrerem, serão relegados ao poder judicial, em conformidade com as leis vigentes, sendo competente para acusar o Delegado do Procurador da Republica, conforme a lei n.º 300, publicada no *Diario do Governo* de 3 de Fevereiro de 1915.

Artigo 8.º - As transgressões serão denunciadas ás autoridades administrativas, sendo competentes para o fazerem todos os agentes da Guarda Republicana, Policia Civica e Municipal, qualquer agente da autoridade, e ainda quaesquer cidadãos, devendo ser indicados na participação a fazer, o nome, profissão e morada do transgressor, a qualidade da transgressão o nome do empregado ou empregados prejudicados e o nome, profissão e morada das testemunhas.

Artigo 9.º—O presente regulamento entrará em vigor oito dias depois da sua publicação por editaes que serão afixados nos logares do costume em todas as freguezias do concelho de Faro.

Faro, em 27 de dezembro de 1915.

O Governador Civil,

Joaquim da Ponte.

do-lhes assim um passatempo artistico, util e agradavel. Não se aceitam fotografias que já tenham sido reproduzidas pela fotogravura.

Seguidamente alongaremos este concurso a todas as cidades, vilas e aldeias do Algarve, visto que o nosso empreendimento é valorisar os lindos aspectos da provincia por meio da reportagem fotografica.

Dr. Afonso Costa

Consta que o ilustre Presidente do Ministerio vae brevemente a Paris e a Londres, afim de tratar de importantes assuntos relativos às finanças portuguêsas.

Crónica da Capital

AQUI E ACOLA...

(Pó da vida)

... Ainda a grande praga!

Talvez por sermos português sem mistura,—parece mas não é antagonismo!—, apesar de em nosso viver nos defrontarmos, a meude, com contrariedades, bastas vezes a desventura a sufocarnos, é que, em tudo somos, sempre e sempre duma persistencia sem rival, desculpem a imodestia.

Nestes termos, proseguimos no clamor bem alentado de justiça, contra a grande praga:—os contractadores.

Pessoas que levam a sua benevolencia ao ponto, para reconhecimento, de lerem estes alinhavos meus, creaturas muito viajadas—quem nos déra uma tal ventura!—argumentam-me que, em todas as capitaes e até em pequenas cidades de além fronteiras, essa praga quizilenta surge torcicolando a sua industrieta rendosa, sempre crescente, sempre desafiando uma repressão.

Não o duvidamos, mas, sem duvida, nesta lusa capital a praga leva ao auge o seu desafôro. E para que o publico não continue a ser a victima desse desafôro, continuamos nós a apelar para as providencias da policia. Ainda na segunda feira com a audição da *Tosca*, no Coliseu, os contractadores de bilhetes rejubilaram e engordaram, chegando a vender bilhetes pelo dobro do custo! Um negocio rendoso, como veem e cremos até que, apesar disso, não é considerado... materia colectavel, como soe dizer-se em vinheta financial.

Póde proseguir o desafôro mas nós, talvez por sermos português sem mistura, continuaremos reclamando contra ele, sempre e sempre, com uma persistencia que não desfalecerá.

Que là resa o aforismo:—agua mole...

Algarvios em Lisboa

Logràmos ver, nos ultimos dias na lusa capital: Antonio de Magalhães Barros e esposa, D. Maria da Gloria; agronomo João de Mattos Parreira, esposa D. Umbelina e filho José; Antonio Feliciano Trigoso, Antonio Constantino Mil-Homens, Francisco José Pinto Junior, José Theodoro Coelho, Evaristo Penteado, João Santos Mendonça e esposa; dr. João Calleça, José Chrispim de Sousa etc.

JOÃO DO AREM.

A educação do povo português

O homem é o mais feroz inimigo do homem e o mais pertinaz demolidor da sua propria obra.

Não é necessario recorrer aos tempos primitivos, ás epocas mais rudimentares, em que as paixões dominavam quasi por exclusivo, para demonstrar á evidencia esta verdade.

Infelizmente, o que se está passando entre as nações mais cultas não é de modo a contrariar esta doutrina, porque os factos são superiores a qualquer ideia concebida.

Não vemos nós a Alemanha, longe de estacionar nos seus preparativos militares, estar aumentando de dia para dia os seus recursos belicos? E para quê? Para sustentar a guerra, diz ela, como se este eufemismo não encobrisse uma de duas coisas: ou a ambição insofrida de novas conquistas, ou a necessidade de manter o homem sob um continuo jugo de ferro, para que não esteja em permanente revolta.

Esta é a conclusão logica do espectaculo que estamos presenciando, espectaculo que não se poderá prolongar indefinidamente, pois parece já ter atingido os mais excepcionais limites.

No seculo XVI, quando se ateou nos campos da Europa o incendio da Reforma, quando os sectarios de Lutéro e os soldados de Carlos V se degladiavam numa luta de exterminio, tanto o protestantismo como o catolicismo praticaram actos de uma atrocidade inaudita que a historia, por mais benevola que seja, não pode deixar de condenar inexoravelmente. Os monumentos mais belos, os quadros dos mais afamados mestres, as estatuas dos mais primorosos cinzeis, os objectos da mais esbelta estrutura, tudo serviu de alvo aos furores dos iconoclastas. Hoje lamentam-se esses destroços vandalicos, que se não podem reparar, e que nem sequer se salvaram pela gravura, pelo desenho ou pela pena dos escritores. E o mais notavel de tudo isto é que nos paizes protestantes, como a Alemanha e a Inglaterra, pagam-se a peso de ouro e recolhem-se com o maior recato nos seus museus as obras primas do catolicismo, sem se reparar ao seu fundo essencialmente religioso. E' que a Arte como se compreende na actualidade, é cosmopolita e só se faz valer e estimar pelas suas qualidades estéticas, por ser a representação genuina do belo e do sublime.

Apezar do culto votado ás Belas Artes, o espirito humano ainda de quando em quando é atormentado pelo nervosismo inconoclasta, por certos desvairamentos epiléticos, que lhe fazem perder as mais rudimentares noções da equidade e do bom senso. Paris, a nova Atênas, o foco mais brilhante da civilisação moderna, não esteve para passar por um dos mais medonhos cataclismos estéticos de que reza a historia?

Se isto sucede em paizes de tão vasta cultura intelectual, que admira que entre nós se cometam igualmente algumas de essas violencias, alguns desses desacatos, de que são vitimas objectos puramente inofensivos?

O governo provisorio da Republica, desejando conservar intacto o tesouro artistico nacional, o patrimonio que nos legaram tantas gerações sucessivas, publicou um decreto, regulando por um modo proibitivo a saída do nosso paiz de objetos artisticos. Foi muito, mas não foi bastante, porque é necessario resalvar da destruição, do desleixo, da incuria, da ignorancia ou desconhecimento, e até da paixão puerilmente rancorosa, o que tem alguma significação historica, tradicional e artistica.

Desejariamos ver concentrados e empenhados nesta cruzada patriotica todas as corporações a quem mais ou menos está confiada a guarda e conservação de tão grandioso patrimonio. Ao Conselho Superior dos Monumentos incumbe especialmente essa tarefa, já distribuindo com profusão circulares por todo o paiz, em que se demonstre ao publico quais são os seus deveres civicos neste sentido, já enviando delegados seus, a fazer conferencias sobre o assunto, escolhendo os locais, onde avultem os monumentos mais dignos de serem admirados e respeitados.

O povo português não é refratario ao bom senso e estamos sériamente convencidos de que ele receberá gostosamente este apostolado do belo e que, devidamente instruido, não tardará a constituir-se o mais vigilante guarda e defensor dos monumentos nacionaes, entidades completamente estranhas ao facciosismo de qualquer casta.

E' isto que muito desejariamos ver.

Riquezas naturaes

Um comercio lucrativo empatado

«A exportação da ameijôa da Ria de Faro rende dezenas de contos ao Estado». Afirma-o a «O Heraldo» um constante leitor.

Recebemos a seguinte carta, que, fieis ao nosso programa de fazer jornalismo moderno, publicamos na integra:

Sr. Redactor de «O Heraldo».

Consinta V. que nas colunas do seu muito conceituado jornal eu faça breves considerações ácerca de um assunto de grande interesse publico e que me foram sugeridas por factos, que passo a expôr, limitando-me a ligeiros comentarios, porque não desejo melindrar pessoa alguma.

Passando pelo mercado de peixe desta cidade, em 23 do mês findo, reparei que num recanto do dito mercado estavam a despregar uma porção de caixotes, que depois vi estarem cheios de ameijoas.

Indagando a razão do caso, fui informado de que os caixotes estavam pregados e prontos a sair para Espanha desde o dia 21.

Perguntei porque não saíam e por um dos principaes exportadores de ameijoa, homem pratico no assunto, me foi dito que a exportação para Espanha não estava proibida oficialmente, mas que, com graves prejuizos gerais, se encontrava suspensa por deliberação da Comissão de subsistencias de Faro.

Conhecedor da abundancia de ameijoas que existe no mercado, achei extraordinaria a tal deliberação, mas ainda mais me surpreeendeu a afirmativa do meu interlocutor, garantindo-me ter comprado as ameijoas encaixotadas «com a devida autorisação da policia da praça».

Mais me disse o meu obsequioso informador que a atitude da Comissão prejudicava grandemente muitas familias, não os donos ou concessionarios dos viveiros, mas sim centenares de infelizes mariscadores, que, não tendo outro modo de vida, ficam na miseria logo que não haja compradores—exportadores que lhes paguem o seu arduo trabalho.

O caso é digno da maior atenção e reclama o maior criterio da parte das entidades, que por dever nele teem de intervir.

Será razoavel suspender a exportação de um artigo depois de ter sido auctorisada a repectiva compra?

Será justo que os exportadores concorram e animem o mercado, valorisando-o e que depois de feita a embalagem dos generos adquiridos, venha a Comissão de Subsistencias prejudica-los com as suas deliberações da ultima hora?

O caso é tanto mais estupendo quanto é certo não se tratar de um genero de primeira necessidade.

O povo não póde passar sem farinhas, grão, batatas, feijão, peixe e outros artigos indispensaveis á vida, mas sem ameijoas passa perfeitamente.

Demais, sabe-se que os viveiros se estragam se não se atenuar com a apanha o excesso da producção.

A ameijoa, se não fôr exportada de inverno, menos o será de verão, porque, devido aos fortes calores, chega quasi sempre deteriorada ao seu destino.

Proibida ou suspensa a exportação, que fazem os donos dos viveiros? Então eles só servem para pagar ao Governo os respectivos impostos? Quem lhes salvaguarda os seus direitos, que nada mais representam do que a garantia dos salarios dos chefes de familia que se ocupam na mariscagem?

Ao sr. Ministro do Fomento, ao sr. Governador Civil e ao digno Chefe do Departamento Maritimo pedimos prontas providencias; os animos estão exaltados e a classe mariscadora, uma das mais laboriosas, que trabalham no mar, merece ser atendida.

Mais vale prevenir do que remediar; realmente salta aos olhos que esta suspensão só prejudica a maioria.

Perde a Alfandega os seus direitos, o Caminho de ferro e o Comercio em geral, porque são muitas as centenas de escudos que ficam em Faro, devido á exportação de um artigo que nunca foi nem póde ser considerado de primeira necessidade.

Para melhor informar os seus leitores, sr. Director de «O Heraldo», tive o cuidado de solicitar a um dos principaes exportadores, uma estatistica sobre o assunto.

Pois bem, este exportador, só êle, desde 1 de Maio de 1914 a 30 de Novembro de 1915, comprou e exportou a bagatela de 11.300 medidas de ameijoas, no valor de 16.843$15, e pagou de portes 11.437$77.

28 contos e quasi 300 escudos em ameijoas é importantissimo, não acha, sr. Redactor?

Eu acho, e entendo que, á semelhança do que os outros povos fazem quando possuem riquezas de tão facil exploração, nos deviamos orgulhar de ter uma ria tão produtiva, tratando de ampliar a exportação e abrindo-lhe novos mercados.

Para que servirá toda esta abundancia se não continuar a ser auctorisada a exportação?

Julga-se, acaso, que, proibida ela, teremos para aí uma inundação de ameijoas que permita a respectiva venda a 2 ou 3 centavos o kilo?

Puro engano. Por tal preço ninguem se sujeitará a ir apanha-las e, além disso, é mais que desumano lançar assim na miseria tantas familias, desvalorisado que seja o arduo trabalho dos pobres mariscadores.

Para remate, transcrevo, em desataviada tradução, alguns trechos de uma carta de um dos principaes importadores de ameijoas em Madrid, dirigida ao seu correspondente em Faro.

Resa assim:

«Nós, madrilenos, teriamos grande susto se não vissemos entrar pelas diferentes estações da Capital, farinhas, batatas, legumes, hortaliças e outros generos indispensaveis á existencia, mas, se não entrar uma ameijoa, ninguem dará pela falta, porque se trata de um artigo de luxo e nunca de primeira necessidade e que, pelo seu alto preço, devido ao grande porte e direitos, não é para pobres, a não ser em dias de grande abundancia, em que, com receio de que se estraguem, chegamos a vende-las por menos preço do que custam em Faro.

«E não julguem os srs. farenses, por verem sair para Madrid grandes remessas, que estamos aqui de boca aberta esperando que nós cheguem ameijoas.

«Nada disso. Pedimos esse artigo como varios outros, com a mira de agenciar a vida.

«O que deveras extranhamos é que de Olhão e de outros pontos de Portugal nos sejam diariamente remetidas poucas ou muitas e que não venham de Faro, onde existem com maior abundancia».

Elucidado, assim, o assunto, e sabido de todos nós, os que nesta lucta pela vida diariamente nos encontramos no campo dos negocios, que a exportação da ameijoa constitue uma fonte de riqueza que não deve ser despresada, causa ainda maiores reparos a deliberação de caracter suspensivo a tal respeito tomada pela Comissão de Subsistencias.

Acaso tomaria a digna Comissão uma tal medida por tratar-se de um marisco que é justamente considerado como inergico aperitivo e sádio reconstituinte?

Se assim é, os fabricantes de elixires revigorisadores que lhe agradeçam a lembrança, na verdade, muito lamentavel, por afectar interesses geraes e particulares dignos de maior atenção.

Desculpe, sr. Redactor, o precioso espaço que lhe roubo e creia-me,

De V. Ex.ª
Mt.º At.º Obrg.do
Constante leitor.

Já depois de composta esta carta recebemos a seguinte:

Sr. Redactor:

Faro, 6 de Janeiro de 1916.

Continuàmos com a exportação de marisco proibida sem se saber porquê, nem mesmo a quem favorece esta paralisação.

Centenares de mariscadores na maior miseria, por não terem outro modo de vida.

Estou bem certo que se o ilustre deputado dr. João Pedro de Sousa, estivesse informado do que aqui se passa a este respeito, com a sua grande influencia, muito faria em Lisboa.

Constante leitor.

TUNA LOULETANA

E' esperada no dia 10 nesta cidade a «Tuna Louletana 1.º de Janeiro», que tenciona dar um concerto no Teatro Circo.

PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A Comissão Municipal Politica do Partido Republicano Português, do concelho de Faro, e as comissões paroquiaes do mesmo partido, reunidas em sessão conjunta, resolveram, por unanimidade, protestar contra a odiosa e desleal campanha de difamação, movida por pessoas despeitadas, contra o ilustre Inspector do Circulo Escolar de Faro, o sr. Ambrosio da Silva, cujas qualidades de caracter, aliadas aos sentimentos de rectidão, justiça e ponderação no exercicio do seu mister, fazem daquele ilustre cidadão um funcionario modelar.

Faro, 4 de Janeiro de 1916.

São convidados os socios do Centro Republicano Democratico de Faro, a reunir-se, de harmonia com os art.os 15 e 35 dos estatutos, para eleição de novos corpos gerentes.

Não havendo numero á primeira convocação, no dia 12 do corrente pelas 21 horas, fica desde já avisada a segunda para o dia 16 pelas 14 horas, funcionando com qualquer numero.

A Instrucção Primaria no Circulo de Faro

A proposito das cartas da sr.ª D. Catarina dos Santos Cantinho e do sr. Antonio Rufino Marreiros, professores oficiaes de Monchique, publicadas no ultimo «Heraldo», foi-nos dirigido o seguinte comunicado, que muito gostosamente publicamos, não só porque tem sido nosso intuito esclarecer o melhor possivel este melindroso assunto em que aparece envolvida toda uma prestante classe, qual é a do professorado primario, mas tambem porque, conhecendo pessoalmente alguns dos signatarios, sempre eles nos teem merecido a consideração a que teem jus todos aqueles que consideramos incapazes de faltar aos seus deveres profissionaes e ás praticas da bôa sociabilidade:

Ex.mo Sr. Redactor;

Vimos no apreciado «Heraldo», de 2 do corrente, duas cartas dirigidas ao ex.mo Inspector deste circulo escolar. E' ácerca dessas cartas, que, confiados na imparcialidade de V. Ex.ª, vimos mais uma vez abusar da sua bondosa hospitalidade declarando, perentoriamente, que os signatarios das aludidas cartas não figuram na tão falada representação dos professores dêste circulo, que são os unicos que a assinaram.

V. Ex.ª compreende muito bem que, tendo as assinaturas de ser reconhecidas por um notario, êste, qualquer que êle fosse, não se prestaria a reconhecer nomes de que não pudesse dar fé.

Além disso não julgamos os nossos colegas dêste ou de qualquer outro circulo escolar, nem a nós mesmo, tão indelicados, descortezes ou desconhecedores dos deveres sociaes a ponto de cometer o abuso a que se referem as mencionadas cartas.

O movimento não é de perseguição, nem politico, mas tão sómente para ilibar professores ou Inspector de injustas acusações e aclarar a situação dos mesmos.

Do circulo de Silves, ao qual pertencem os colegas que tiveram a infelicidade de, impensadamente, escrever taes cartas, apenas temos a adesão moral dos colegas das sédes dos concelhos de Lagos e Silves, *mas note-se que esta foi expontanea.*

Vê, pois, senhor Redactor, como os

nossos colegas D. Catarina dos Santos Cantinho e Antonio Rufino Marreiros foram torpemente iludidos e faltaram tão malevolamente á verdade, procedimento este, que reputamos bastante inqualificavel!...

A'queles colegas nada pedimos, nem dos seus nomes fizemos uso algum, nem nos lembrámos nunca das suas pessoas para tal fim. Compreendemos bem o que originou *tão grande disparate !...*

Eis a verdade em toda a sua nudez.

Ficam, portanto, os colegas Cantinho e Marreiros, da vila de Monchique, desde já intimados a provar ó que disseram, sob pena de desmerecerem do conceito em que até aqui os tinhamos, pois tem demasiada ingenuidade ou propositada má fé quem de animo leve assim procede.

Pela publicação destas linhas muito gratos lhe ficam, sr. Redactor os

De V. Ex.ª

Att.cs V.dores e Mt.º Obrg.os

José Maximo de Sousa
Joaquim Lino Amores
Antonio Mateus
Carlos Lopes
Joaquim Viegas Azinheira
José Joaquim Pinto da Cruz.

Tambem, por intermedio do sr. Sebastião Ferreira, digno e conceituado professor oficial em S. Braz de Alportel, recebemos o seguinte comunicado, que nos apressamos a publicar, assentuando assim a nossa absoluta imparcialidade num assunto, que muito desejariamos ver resolvido com honra para qualquer das partes:

Ex.mo Sr. Director de «O Heraldo»

Permita V. Ex.ª, senhor Director, aos professores do concelho de Alportel, que tambem assistiram á reunião efectuada no dia 1.º de Dezembro, em Faro, na escola central feminina, um cantinho do seu apreciado semanario, «O Heraldo», para declararem duma forma terminante que os senhores professores da séde do concelho de Monchique faltaram á verdade, nas cartas que enviaram ao ex.mo sr. Inspector deste circulo e que foram publicadas no seu jornal, acção que nada honra quem presa a sua dignidade e muito principalmente a quem, como a eles, está confiada a educação dos filhos do Povo.

Como V. Ex.ª deve presumir, os professores d'um circulo diferente do de Faro, nada teem com o que nele se passa, sendo por consequencia, um absurdo a inclusão dos seus nomes numa representação que só diz respeito a questões passadas neste circulo.

Veja, agora V. Ex.ª, como a eloquencia das mesmas cartas se desfaz, como simples bolas de sabão, ao sopro da mais leve aragem.

Creia V. Ex.ª que imensamente gratos lhe ficarão os professores deste concelho pela publicação destas linhas.

S. Braz de Alportel, 4-1-916.

Sebastião Ferreira
Inéz Ascensão da Ponte
Amelia de Jesus França
Augusta do Carmo Neto
Antonio Gonçalves S. Braz Junior.

O imposto da sobretaxa

No intuito de pedir a anulação deste imposto, que os industriaes fabricantes de conserva consideram muito oneroso, partiram para Lisboa. além de muitos industriaes de Olhão e Lagos, os representantes das firmas Santos Silva & C.ª, Coelho e Judice Fialho.

Ao sr. dr. Afonso Costa, Presidente do Ministerio e ministro das finanças, foram dirigidos os seguintes telegramas:

«A Associação dos Soldadores, de Olhão, na iminencia de ver fechar as fabricas pela aplicação da sobretaxa de um centavo por kilo de conservas de peixe a exportar, pede a V. Ex.ª seja anulada tal sobretava, pois no caso contrario serão lançados á miseria milhares de operarios desta industria e da pesca e seus derivados.

Ao esclarecido espirito de V. Ex.ª pedimos reconheça a justiça do pedido.

A Direcção,»

«A Classe de Soldadores de Faro, na espectativa de serem fechadas as fabricas de conserva, devido á aplicação da sobretaxa de um centavo por kilo de conserva a exportar, o que representa a miseria e a fome para centenares de operarios desta industria e da pesca e seus derivados, pede a V. Ex.ª a anulação imediata da dita sobretaxa como atenuante da grande crise que atravessamos».

A ESTANTE DO «HERALDO»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

HISTORIA UNIVERSAL—por Guilherme Oncken—Está publicado o tomo n.º 58 desta excelente publicação, traduzida em portuguez por um grupo de professores de Historia, sob a direcção de Agostinho Fortes e editada pela Livraria Aillaud e Bertrand, de Lisboa.

Por esse Algarve

Boliqueime

Iniciando as minhas modestas correspondencias para «O Heraldo», começarei por chamar a atenção da direcção dos Caminhos de Ferro de Sul e Sueste para a falta de um «marquise» na estação, a fim de evitar que os passageiros estejam expostos á invernia.

Infelizmente a estação de Boliqueime nem uma sala de espera possue em condições...

—Os lagares de azeite trabalham ativamente em Boliqueime pois a colheita da azeitona, nesta região é muito superior á dos anos anteriores. A produção do azeite é regular e a qualidade magnifica. Devido ás ultimas chuvas, os lavradores ativam as sementeiras, vendo-se lá grandes lavras de favas e outros generos.

C.

Estoi

Encontra-se nesta aldeia o sr. visconde, de Estoi.

—Na estrada distrital, no sitio do Besouro, está arruinado um pontão.

Pedimos providencias.

—Passaram aqui muito animadas as festas do Natal e Ano Bom.

O presepio do jardim esteve aberto todos os dias, havendo muita concorrencia.

—Veio passar as festas com sua familia a sr.ª D. Mariana da Conceição Abreu Cipriano.

—O tempo tem corrido magnifico para as sementeiras.

—Na praça apareceu afixado um edital acrata, contra a carestia dos generos.

C.

Tavira

Foi encantadora a festa do Natal dedicada pela sr.ª D. Hilda de Campos Cansasado, ás crianças de sua familia e ás da sua intimidade.

A «Arvore do Natal», numero indispensavel nestas festividades infantis, primorosamente ornamentada pela sr.ª D. Hilda Cansado, acentuava o fino gosto artistico que distingue esta senhora e ostentava lindos premios que entusiasmaram as crianças, conservando-as em constante alegria.

A festa teve logar das 3 ás 6, havendo um excelente serviço de chá e deliciosos doces, ás 5 horas.

A sr.ª D. Hilda fez gentilmente as honras da casa, coadjuvada por sua mãe, a sr.ª D. Angelina Contreiras de Campos, e por sua tia, sr.ª D. Maria Chagas.

Algumas senhoras executaram belos trechos de musica, dando uma requintada nota de arte a esta encantadora festa, que deixou as mais gratas impressões em todos os assistentes, entre os quais se notavam as senhoras mais distintas desta cidade.

C.

REMEDIO FRANCÊS

IMPRENSA

«CORREIO LITERARIO»

Recebemos o 1.º numero desta bem redigida revista quinsenal de que é director literario o sr. Cymo Dalcan.

Tem excelente aspecto e insere magnifica e variada colaboração.

Desejamos-lhe longa vida e prosperidades.

«A REVOLTA»

Visitou-nos este colega de Coimbra com o qual vamos estabelecer permuta.

«ANIVERSARIOS»

Passaram ha dias os aniversarios dos nossos presados colegas «Primeiro de Janeiro», «Seculo» «Dia». e «Diario de Noticias».

Felicitamo-los muito cordealmente.

Noticias de Instrução

O sr. Carlos Vilamariz, professor efectivo do liceu de Faro, foi nomeado bibliotecario do mesmo liceu.

—Foi nomeada professora da escola do sexo feminino de Alte a sr.ª D. Maria Elisa de Faria Aboim.

—Foi provida definitivamente a sr.ª D. Aurora Maria Gomes Delgado, professora da Figueira, Portimão.

A Elegante

RODOLFO SILVA

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Esposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc,

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 9—D. Luiza Faleiro Pereira, D. Eduarda de Sousa Reis, Basilio José Tavares, Antonio Eusebio Pereira e Henrique Vieira Mirto.

Segunda feira, 10—D. Bernardina Moreira Palma, D. Lucinda Rosa de Carvalho, José Manuel Ferreira e Alfredo de Sousa Dias.

Terça feira, 11—D. Beatriz de Sousa da Costa Madeira, D. Aurelia dos Santos Eusebio, D. Inez Corrêa, José Antonio Paixão, Alberto das Chagas Pinheiro e a menina Maria das Dores Mendonça Coelho.

Quarta feira, 12—D. Maria de Sousa Carmo, D. Julia de Castro Viegas, Joaquim Pedro Ferro e Domingos Gomes Feria.

Quinta feira, 13—D. Luiza da Cunha Bastos, D. Maria da Natividade Peres, Alfredo Maria Viegas e Verissimo Pedro Gomes.

Sexta feira, 14—D. Alexandrina Salter de Sousa, D. Maria Emilia Pinto, Agostinho de Sousa Domingues e o menino Alfredo Carlos Barreto.

Sabado, 15—D. Ana Ramos Bandeira, D. Amelia Augusta Sergio, Alfredo José Albino e Manuel José Gago.

Casamentos:

Realisou-se em Cacela o enlace matrimonial da sr.ª D. Isabel da Encarnação Franco, digna professora oficial daquela freguezia, com o sr. Luiz Corrêa Ricardo, brioso sargento do exercito.

Testemunharam o acto os srs. Joaquim Corrêa Ricardo e Antonio Gil Madeira.

—Está justo o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Amelia Cansado, filha da sr.ª D. Sebastiana Cansado e do sr. Jordão José Cansado, proprietario, de Tavira, com o sr. Eduardo Rodrigues Carvalho, alferes de engenharia.

Doentes:

Encontram-se doentes as senhoras:

D. Ana Vilhena, a esposa do sr Moniz Corte Real, a esposa do sr. Antonio Viegas Pinheiro, D. Maria das Dores de Brito Taborda, D. Feliciana de Brito e uma filhinha do sr. Antonio do Nascimento Pite.

E os senhores

Artur Adolfo Pereira Luz e Vasco Mascarenhas.

—Em Loulé, onde fôra, a fim de passar as férias com sua familia, encontra-se doente o sr. Carlos Pinto, digno professor de Gões.

—Tem estado doente o sr. Artur Guedes de Matos, digno chefe de conservação de Obras Publicas, e nosso presado assinante de Loulé.

Necrologia:

Faleceram:

Em Lisboa, a mãe do sr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, e o sr. José Soeiro Vila Lobos; em Santa Barbara de Nexe, o sr. José Viegas Alcaria e em Cacela, o sr. Pedro Madeira Custodio.

—Em Lisboa, onde fôra sujeitar-se a uma melindrosa operação, faleceu o sr. Domiciano Domingues, conceituado piloto em Vila Real de Santo Antonio e irmão do nosso presado amigo sr. Francisco Malaquias Domingues.

Deixa viuva e duas filhas menores.

—Faleceu na sua casa de Timpeiras—Traz-os-Montes—o sr. dr. Antonio de Azevedo Castelo Branco, ilustre homem publico.

A's familias enlutadas os nossos pezames.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos realisados de 25 a 31 de Dezembro de 1915.

Nascimentos	10
Casamentos	7
Obitos	11

E de 1 a 7 de Janeiro de 1916.

Nascimentos	25
Casamentos	3
Obitos	12

Numero de casamentos realisados no concelho de Faro: Em 1911, 201; em 1912, 291; em 1913, 277; em 1914, 220.

Aveia, tremoço e cevada vendem posta sobre vagon.

A. CAMPOS & A. MENDES

Montemór-o-Novo

AGRADECIMENTO

Miguel de Lemos Pantoja, imensamensamente reconhecido para com os Ex.mos srs. drs. Candido de Sousa e Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, pela maneira extremamente afavel e carinhosa com que operaram seu filho Helder Guerreiro Pantoja, vem por este meio e do intimo d'alma, agradecer todos os cuidados ao mesmo prodigalisados e a grande fineza ainda, de obsequiosamente se prestarem a realisar a mesma operação.

Ao Ex.mo dr. Vaz, medico assistente, pela solicitude com que continuou tratando o operado, e a todas as pessoas que pelo mesmo se interessaram, aqui ficam consignados os protestos sinceros da sua eterna gratidão.

Barreiro, 2 de Janeiro de 1916.

Miguel de Lemos Pantoja.

CANCIONEIRO DO POVO

O meu peito é uma rua
Onde o meu bem nunca passa;
E' a rua da amargura
Onde passeia a desgraça.

Eu tenho duas escadas,
De pedra negra são feitas;
Por uma as esp'ranças sobem,
Por outra descem desfeitas.

Se o teu coração morrer,
Ha de ir o meu coração
Com êle p'r'o cemiterio
A servir-lhe de caixão.

Tipografia do "Heraldo,,

Chamamos a atenção dos nossos presados leitores e assinantes para o anuncio da tipografia do «Heraldo» inserto na secção competente.

NOTICIARIO

Completamente restabelecido da grave doença que durante muito tempo o molestou, já se encontra em Faro, tendo reassumido o exercicio das suas funções, o sr. dr. João Barbosa, digno administrador deste concelho e comissario de policia.

= Deram-nos o prazer da sua visita nesta redacção os nossos presados amigos e correligionarios srs. Humberto José Pacheco e Carlos da Conceição Quintino, respectivamente administradores do concelho de Loulé e de Alcoutim.

= Deu-nos o prazer da sua visita nesta redacção o sr. Francisco Baptista Corrêa, nosso presado colega do «Ecos de Mira».

= Já regressou de Lisboa o nosso presado amigo sr. José Teodoro de Almeida Coelho, conceituado industrial nesta cidade.

= Foi transferido para a estação central de Lisboa o 2.º aspirante telegrafo-postal em serviço na estação de Faro. sr. Constantino Simplicio da Gama Carvalho.

= O nosso presado amigo sr. M. F. Costa, proprietario da conceituada Loja de Lisboa, enviou-nos um lindo calendario da Companhia de Seguros «Portugal Previdente», de que é digno agente em Faro.

Agradecemos.

= Com sua irmã, sr.ª D. Virginia Soares, regressou a esta cidade a sr.ª D. Ermelinda da Conceição Soares, distinta professora oficial, que fôra passar as ferias com sua familia, em Moncarapacho.

= Acompanhado de sua filha, sr.ª D. Maria da Natividade Domingues, ja regressou de Lisboa a Vila Real de Santo Antonio, o sr. Francisco Malaquias Domingues.

= Regressou de Lisboa o sr. Antonio da Cunha Belem, conceituado professor do liceu desta cidade.

= O industrial de Silves, sr. Adelino Rocha, irmão da sr.ª D. Georgina Rocha, digna professora-secretario da Escola Normal de Faro, partiu ha dias para Barcelona.

= Foi nomeado administrador do concelho de Lagôa, o nosso presado amigo e correligionario sr. dr. Virgilio Negrão Calado.

= Encontra-se em Lisboa, acompanhado por sua esposa, o sr. José Antonio Dentinho Junior, professor do Liceu de Faro.

= No dia 30 do mês passado realisou se em Olhão o jantar de hemenagem ao sr. dr. Carlos Fuzeta, pelos seus bons serviços como membro da comissão de pescarias, que discutiu com os representantes do governo espanhol as bases do novo tratado do comercio.

Neste banquete tomaram parte mais de 100 convivas, entre os quais os representantes da alta industria algarvia.

= Regressou a Loulé o sr. João Diogo Mascarenhas Neto, importante proprietario e digno Tesoureiro da Fazenda Publica daquela vila.

= Esteve em Loulé, acompanhada por Mademoiselle Alzira Luna Crispim, a sr.ª D. Inocencia do Carmo Peniz.

= Acompanhado de sua esposa foi a Lisboa o capitão de infantaria 4, sr. Francisco Barros.

= Partiu no dia 6 para Lisboa o nosso presado amigo sr. José Domingues Lopes, digno fiscal dos impostos.

= Constituiu-se em Lisboa uma empreza, de que faz parte o sr. dr. Carlos Fuzeta e varios capitalistas algarvios, para lançamento de uma armação de atum na costa de Marrocos.

O capital é de 150 contos, devendo elevar-se a 300.

= Recomeçam brevemente os trabalhos para instalação de luz electrica em Loulé.

Espera-se que todos os trabalhos estejam concluidos dentro em dois mezes.

= Esteve em Tavira no dia 6, o sr. Luiz Rodrigues Corvo, nosso presado amigo.

= Acompanhado de sua esposa partiu no dia 7 para o Funchal, o pagador das obras publicas daquele districto, sr. Joaquim Paulino Fundado.

= Foi transferido para o liceu de Beja, o sr. Francisco Cumano, aluno do liceu de Faro.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Agencia Investigadora

Chiado, 36, 3.º—Lisboa

Unica agencia do paiz montada no genero das de Paris e Londres

Indagações de caracter particular

Informa-se sobre a situação e proceder de pessoas, para assuntos de casamentos, empregos, transações, divorcios, roubos etc., em todo o paiz.

Vigilancias. Informações comerciais. Agentes em todo o paiz.

Informações sobre estudantes

Frequencia ás aulas, classificações, comportamento dentro e fóra das escolas, etc., em todo o paiz.

Cobrança de dividas. Transações

Seriedade em todos os assuntos. Dão-se referencias. Correspondencia para a séde da Agencia, ao Director.

EDITAL

Joaquim Filipe Freire Pires, sub-inspector das alfandegas e chefe da delegação em Faro:

Tendo-se extraviado o conhecimento relativo a 217 caixas com folha de Flandres, consignadas a P. J. R. Viegas, e vindas de Lwansia no vapor «Advance», contra-marca 87/915, das quaes já foram despachadas 167, pelo bilhete de ordem n.º 96 e de receita n.º 213, em conformidade com o disposto no artigo 478 do decreto de 31 de janeiro de 1889, mandei afixar editaes nos logares mais publicos e do costume, devendo um dos exemplares ser publicado no periodico «O Heraldo», convidando a que se apresentem as reclamações legaes; e findo o praso marcado no § 1.º do citado artigo, sem que haja reclamação alguma, será a mercadoria entregue ao consignatario acima mencionado.

Delegação em Faro, 3 de janeiro de 1916.

Joaquim Filipe Freire Pires.

Almanaque Figueirinhas para 1916 (1.º ano). Está exposto á venda nas principaes livrarias do país este Almanaque, para os professores primarios e amigos da intrução, ao preço de 30 centavos, organisado por Antonio Figueirinhas.

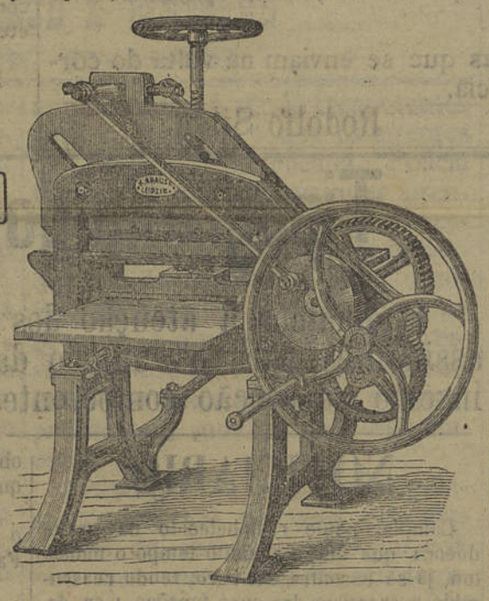
Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Tipografia d'O Heraldo

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 21 E 23

FARO

Previne-se o publico de que esta antiga oficina, que continua sob a inteligente direcção técnica do habil gráfico, Jayme Vaz Velho da Palma, antigo empregado da tipografia Leiria, de Lisboa e das oficinas de composição do Anuario Comercial, da mesma cidade, está habilitada a executar toda a especie de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos e por preços baratissimos.



BILHETES DE VISITA

"RECLAME"

$20 (200 rs.) O CENTO

Jornaes, Revistas, Impressões completas de livros em prosa e verso com capas a côres pelos mais recentes processos. Facturas, Bilhetes postaes e de loja, Envelopes comerciaes e d'oficio, Papel timbrado para repartições do Estado e particulares, Participações de casamento, nascimento e luto em simples e fantasia, Placards, Prospetos de reclame, Programas, Bilhetes de visita e teatro em todos os generos, Quotas e Relatorios, Talões e Recibos, Mapas e Tabelas em todos os formatos, Folhinhas, Mostruarios artisticos, Impressões em etiquetas a ouro, Catálogos, etc., etc.

IMPRESSÕES A OURO, PRATA E BRONZE

ENCADERNAÇÕES EM LIVROS, TALÕES E FACTURAS

TRABALHOS

A CORES COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

ESPECIALIDADE EM ROTULOS PARA FARMACIAS

CORONHEIRO E TORNEIRO

João A. da Cruz Junior, coronheiro militar, encarrega-se da execução de quaesquer trabalhos que digam respeito á sua arte.

Rua da Cabanita, 35 FARO

"A ELEGANTE,,

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da provincia sejam enderessados a

Rodolfo Silva—Loulé

Tipografias portateis

Vendem-se duas quasi novas e muito boas.

Tratar com Antonio Fernandes Rodrigues Junior em Estoi.

ACABA DE PUBLICAR-SE

NOÇÕES DE PROCESSO PENAL

Acompanhadas de Formulario e Legislação, por João Pedro de Sousa, advogado e deputado da Nação. Preço 1 escudo. Pedidos ao autor.

FABRICA INDUSTRIAL 1. DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186

—FARO—

Construção de poços Artezianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Alfaiataria Lisbonense

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 20

—Faro—

DO CONHECIDO

ALFAIATE FONSECA, de Lisboa

Participa que abriu a sua casa nesta cidade, encarregando-se da execução de obras para homem creança e senhora (genero «tailleur») por preços modicos e com um completo mostruario de mais de mil amostras de fazendas no que ha de mais *chic* e maior novidade para a estação de verão.

Todas as obras são executadas pelo seu proprietario, tomando por isso inteira e completa responsabilidade na sua execução.

FATOS FEITOS PARA HOMEM, DESDE 8$50 A 20$00

Vae tomar medidas e provas a casa dos clientes

COMPANHIA DE SEGUROS

SÉDE NO PORTO
R. de Santa Tereza, 2-C-1.º

A VICTORIA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

End. telegr. SEGUROS-Porto
Telefone, 1.137

Agencias em todas as cidades e vilas do Paiz

CAPITAL, ESC. 500:000$00

DEPOSITO DE GARANTIA NA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, ESC. 25:000$00

Seguros de searas e eiras, pastagens, cereaes, palhas, maquinas debulhadoras, arvoredos, etc.

Seguros terrestres, maritimos, valores pelo correio, quebra de chapas de vidro e espelhos e lucros esperados

DELEGAÇÃO EM LISBOA na RUA DO ARSENAL, 84, 1.º

Telefone, n.º 403 End. teleg. Sorrab

Aceitam-se agentes nas terras onde os não houver

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros maritimos—Seguros de cristais—Seguros contra roubos—Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro,

MANUEL FRANCISCO COSTA

INSTRUÇÃO SECUNDARIA E PROFISSIONAL

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elementar (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22×15cm com 122 gravuras. (PREÇO, escudos—1$50

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as teorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento, a parte descritiva é rica na indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida prática; e os problemas fundamentais da química elementar estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numéricas da disposição dos cálculos. Este compêndio foi adotado em seguida á sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industriail e Comercial do Porto, e em diversas escolas normais, industriais e agricolas, continuando a ser o compendio proferido por distintos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (12.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22×15cm com 400 gravuras. PREÇO, escudos—1$20

Este compendio, dividido pedagógicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundário apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adotar em todos as liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diario do Governo* n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão oficial no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter logar aplicações numericas, se encontram enunciados problemas muito faceis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respetiva lição.— [illegible] seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu carater elementarissimo, este compendio possue particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem dificuldade as pr[illegible] noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriais e nas de comercio e agricolas.

Tratado de Física Elementar (10.ª Edição). Um volume de IV 764 páginas no formato 22×15cm com 752 gravuras PREÇO, escudos—1$80

Este excelente livro de Fisica foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diario do Governo* n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão oficial no concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acomodada á revisão geral do estudo da Fisica nos liceus de harmonia comas instruções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das matérias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contem as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvida e metódica coleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos oficiais de livros de ensino e que estão vulgarisadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se atualisadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes de alta frequencia, dos rádioconductores, da telegrafia sem fio e da rádioactividade. Os principios e deduções teóricas, as experiências demonstrativas, as aplicações práticas e os problemas numéricos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagógica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino teórico e prático, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fóra dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reações dos corpos e da eletricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenómenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito.

LISBOA *Livraria Ferin*, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO *Livraria Chardron*, Rua das Carmelitas, 144.—COIMBRA *Livraria França Amado*, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS Publicam-se os tomos 56 e 57 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e cientifico repositorio da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.ª—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bateriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças aos olhos, boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante Reis, 92, 1.º, D.º

LISBOA

O que todos devem saber

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA